

Da castração à alteridade.

Por que evitamos falar sobre castração hoje em dia? Ela nos incomoda! Perturba nossos prazeres... Só que quando negamos os limites, o Real sempre nos alcança e acaba com nosso sentimento de onipotência.

O que é esse Real? É o que estamos enfrentando. Em primeiro lugar, é o impulso, o discurso parental, o discurso social... Enquanto a castração é evitada, ela cria eventos perturbadores, fracassos repetidos, rivalidades, rejeições, traumas, frustrações... É o discurso imaginário que o paciente nos traz. É a queixa do paciente (ele se sente sob controle ou autodepreciativo). O real também é o sintoma (quando o corpo estabelece os limites). Mas também pode ser um sintoma social, criando um fenômeno contemporâneo.

Em suma, o real é um grande mal-estar que se abate sobre nós...

E por que isso acontece? Porque não queremos nos soltar e deixar nosso impulso insatisfeito. Não queremos ceder às demandas excessivas de nossa sociedade por mais prazer. Como resultado, nossa resistência em limitar nosso prazer significa que a castração se tornou um conceito tabu. No entanto, ela faz parte do vocabulário psicanalítico. Foi introduzido por Freud, que identificou um papel estrutural importante para ela, e foi amplamente adotado por Lacan. Além disso, a negação da castração foi (por uma questão de conveniência) misturada com a perversão. Mas todas as estruturas, além de seu sistema de defesa, são atravessadas pela negação da castração.

O que há de errado com a noção de castração? Acreditar que ela está relacionada à anatomia: a anatomia é o destino! Exceto que o erro sempre foi acreditar que o sexo da mulher está faltando alguma coisa. E que o falo (que muitas vezes se opõe a ele) é o órgão masculino. Mas não! Não está faltando nada para as mulheres. O falo não é masculino nem feminino. Assim como Freud confirmou que o impulso não é masculino nem feminino. É uma fantasia... O símbolo da ereção. É o prazer erótico que as crianças (de ambos os sexos) experimentam quando descobrem a masturbação. O falo, como uma fantasia, é gerado por esse prazer. É algo compartilhado por ambos os sexos, que abre o desejo recíproco (heterossexual ou homossexual).

De fato, o que é castração?

Em primeiro lugar, é a angústia que ela causa no bebê recém-nascido, diante de uma preocupação materna excessiva, que pode se tornar avassaladora. Isso é ansiedade de castração materna... É o medo do Outro e a culpa de não atender ao pedido dele. Isso significa criar sintomas (dar a ele um pedaço de seu corpo) para manter a paz. Mas a castração é também, no outro extremo do desenvolvimento da estrutura, essa travessia, quando o sujeito adolescente (ou o sujeito no final da análise) se desenraíza de seu marasmo incestuoso e se extrai dele. Quanto mais o menino ou a menina parricida o discurso parental, mais ele ou ela deixa os objetos parentais. Quanto mais

ele ou ela deixa o espaço endógeno para cruzar o limiar do espaço exógeno. E é exatamente aqui que a alteridade (diferença) é encontrada e que o sujeito entra em sua subjetividade.

A alteridade é encontrada nesse espaço exógeno: esse espaço fálico particular ao sujeito, fora da esfera de sua infância. Por que fálico? Esse terreno fálico da alteridade é a excitação descoberta no momento da masturbação (no início da fase fálica). É exatamente esse prazer que impulsiona homens e mulheres para a realização, a independência, a criatividade e o encontro amoroso. A alteridade é também o momento em que o sujeito assume seu pensamento singular, em total liberdade e sem culpa. Todos esses parâmetros pertencem ao exógeno, ao mundo da alteridade, e projetam o sujeito em uma castração simbólica.

Sabemos que passamos por uma passagem de castração: quando, depois de termos confrontado o real (que tropeça e se retém) repetidas vezes, de repente algo se solta! Algumas sessões mais tarde, o paciente retorna e descreve uma situação (geralmente dolorosa) que, estranhamente, sem nem mesmo perceber naquele momento, se desenrolou de forma diferente. Nem ele nem o psicanalista sabem realmente o que desencadeou essa mudança. O real perdeu terreno, laminado pelo cutelo do simbólico, e de repente ele se torna fluido. É quando os encontros certos são feitos, quando, depois de muitos fracassos, o sucesso é alcançado, quando as oportunidades certas aparecem... Está tudo lá para ser aproveitado.

E essa superação simbólica da castração diz respeito tanto a homens quanto a mulheres. Tudo acontece no mesmo terreno fálico. Esse terreno (antes reservado aos homens), as mulheres têm o mesmo acesso (elas demonstram isso muito bem), elas o compartilham com os homens. Portanto, a castração não diz respeito apenas ao sexo delas. A anatomia não tem mais o papel (que sempre foi culturalmente atribuído a ela) de impedir o futuro das mulheres. Se as mulheres se libertassem do preconceito masculino, elas poderiam até (depois de terem fantasiado sobre o pênis quando crianças) ser capazes de aceitar que não têm pênis.

No que diz respeito aos fenômenos sociais, temos a questão do transgênero. Como se a anatomia realmente representasse um problema! Mas o que realmente apresenta um problema é a identidade sexual, que, no final, enquanto se recusa (na adolescência) a sair dos parâmetros endógenos, encontra dificuldades para atribuir o gênero e permanece imprecisa. Essa dificuldade, específica da identidade sexual, já existia no século passado. Mas as ideologias agora a assumiram e a destacaram.

Antes, o patriarcado era uma forma de negação da castração: a negação do feminino era um sintoma. Hoje, o transgênero é um sintoma.

De fato, a castração sempre foi um borrão. Mas com o transgênero, sua negação é realmente trazida à luz. Exceto que ainda não entendemos que a castração é um fato estrutural inevitável. Agora que isso está nas manchetes do Ocidente e do mundo todo, é um verdadeiro malestar!